32. Sports: Foot-ball, Turf, Rowing e outros (1920). O Paiz. Rio de Janeiro, p. 9, 25 abril.
33. Tiro de guerra: orçamento (1921). Correio da Manhã. Rio de Janeiro, p. 2, 12 ago.
34. Tiro nacional (1908). A Federação. Porto Alegre, p. 1, 1 jun. 1908.
35. Tiro nacional porto alegreense (1906). A Federação. Porto Alegre, p. 2, 27 fev.
36. Várias: Tiro 4 (1920). A Federação. Porto Alegre, p. 5, 10 set.
37. Vicari PR, Mazo JZ (2011). Comemorações do centenário da Independência do Brasil (1922): Jogos Latino-Americanos no Rio de Janeiro e Jogos Olímpicos no Rio Grande do Sul. In: XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Porto Alegre. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Porto Alegre: CBCE, 1-11.

AUTORA:

Teresa Marinho ¹

¹ Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto, Portugal

Da necessidade de um sentir humanista no desporto

5208

PALAVRAS CHAVE:

Pessoa humana. Desporto. Humanismo.

RESUMO

Este ensaio não nos deixa repousar na apatia. Pelo contrário. Obriga-nos a sentir, a refletir, a agir. Por isso orientamos a nossa palavra e a nossa intenção para o retrato da condição humana, cuja decadência moral destrói o humanismo, pisando a vulnerabilidade da pessoa humana, contornando a virtude e menosprezando a autenticidade e a probidade. O desporto, como reflexo desta sociedade em falência ética, sofre com ataques que o abeiram da mediocridade e é muitas vezes alvo de discursos, gestos e atitudes que mancham a sua dignidade e diminuem a sua real mensagem pedagógica. Estando conscientes destas posturas rasteiras não deixaremos de cantar uma utopia que desassossegadamente tenta catapultar o desporto para a esfera do Poético e do Humano. Esta é a nossa pretensão. Pugnar por uma outra humanidade que não se afunde no egoísmo e na animalidade, mas que se (re)encontre e se eleve na arte de sublimar os verdadeiros valores do desporto e da vida, os mesmos que nos tornam humanos dotados de sensibilidade ética e estética para nos transcendermos na humildade e no esplendor de nos recriarmos poética e amorosamente.

Correspondência: Teresa Marinho. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Rua Dr. Plácido Costa, 91. 4200-450, Porto, Portugal. (tmarinho@fade.up.pt).

About the need for a humanistic feeling in sport

ABSTRACT

This essay drives us unquiet. On the contrary, it causes us to feel, to think and take action. Therefore, we guide our word as well as our intention towards the portrait of human condition, whose moral decay ruins humanism, stepping on human vulnerability, avoiding virtue and underestimating authenticity and honesty. Sports mirroring this society undergoing ethical bankruptcy suffer attacks that lead it to meanness, being most of the time targeted by means of speeches, gestures and demeanours which pollute its dignity and weaken its real pedagogical message. Being aware of these petty attitudes, we chant an utopia that unquietly launches sports to the Poetical and Human domain. This is our claim: to fight for another humanity – a humanity sailing clear waters, not sinking into selfishness and brutality, rather a humanity that rises above and sublimates the true values of sports and life, the same ones that endow us human beings with ethical and aesthetical sensibility, enabling us to transcend ourselves into modesty along with the splendour of recreating poetically and amorously our human nature.

KEY WORDS:

Human person. Sports. Humanism.

A INTENÇÃO

Está na hora de nos tornarmos mais humanos. De afastarmos de nós a ânsia desmedida de poder, de vaidade, de reconhecimento bacoco e perverso. Está na hora de nos despojarmos de tudo o que não nos faz falta e de abrimos os braços à humildade, à solidariedade, ao humanismo. O que aqui nos une, nesta ágora do desporto, é a vontade de sublimação do homem nas suas mais diversas vertentes, conhecimentos e aceções. A dignidade humana deve ser sempre o nosso principal propósito, o nosso elevado preceito, a nossa intensa preocupação. Por isso a nossa palavra não cai no repouso do tinteiro, pelo contrário, a nossa palavra é encantamento e devoção. Ela toma forma através da pena que a ilumina e vai deslizando sobre as trevas da borra que a corrupção do mundo representa. A nossa palavra não se esconde do mundo. Não faz vénias à mentira e não se subjuga perante a miséria. Ela luta. É. Ama. Leva dentro de si uma manhã de primavera a latejar – límpida, clara, transparente. Sem mácula. Por isso com ela nos sentimos ousados e inspirados. E com ela percorreremos este ensaio com o intuito de dar a conhecer a nossa inquietação perante a falta de humanismo que se vai entranhando, sorrateira e intensamente, na alma humana e que se estende por toda a parte. O desporto parece não escapar a este desígnio. Estamos olvidados da sua real intenção e dos valores que com ele caminham lado a lado. Começa a ser premente uma reflexão, mais de cariz humanista e menos tecnicista, acerca do desporto, do homem, da vida. Intentaremos levar a cabo esta tarefa no texto que se segue, abrindo o coração à poesia, seu esplendor e verdade; à filosofia, seu logos e veleidade; e à utopia, tendo como linha orientadora a seguinte afirmação de Paulo Freire ^(6, p. 10): “não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho”. Posto isto, só nos resta fazer frente a tudo o que nos tolhe e reduz, sob pena de nos rendermos à imbecilidade e mediocridade que se entranha no sangue por comodismo, por ignorância ou mesmo por uma jactância sertaneja e falaz.

NO TEMPO DIVIDIDO

Tempo de solidão e de incerteza
Tempo de medo e tempo de traição
Tempo de injustiça e de vileza
Tempo de negação.

Tempo de covardia e tempo de ira
Tempo de mascarada e de mentira
Tempo de escravidão.

Tempo dos coniventes sem cadastro
Tempo de silêncio e de mordada
Tempo onde o sangue não tem rasto
Tempo da ameaça.

SOPHIA DE MELLO
BREYNER ANDRESEN

Tempo de bestialidade e de corrupção. Tempo do vale tudo e da mentira encapotada e até feita virtude. Tempo onde o sistema de meritocracia parece cair em saco roto, dando origem a um pedantismo que se pavoneia com um canudo mascarado de preguiça e cobardia, que vive à custa de muletas que amparam e protegem uma dignidade corrompida. Tempo de palavras ocas e superficiais que enganam e devoram. Enfim, tempo de uma banalidade sem fronteiras, que nos obriga a viver e a co-habitar este espaço de indecisão, feito de muitos recuos e poucos avanços, porque nos parecemos ausentar de nós próprios, ocultando-nos e ocultando o que somos e sentimos por medo e por imposição precária de uma fatalidade que flagela a carne a sangue frio, deixando para trás marcas e cicatrizes impossíveis de apagar por se cravarem na pele infinita e dolorosamente.

Tempo este que agrilhoa o homem e fere-lhe os sentidos, embrutecendo-o e retirando-lhe a capacidade de amar e de ser ameno no modo de sentir e de se reconhecer perante o que se apresenta e que lhe pede para abrandar a marcha apressada que o atormenta e o impede de contemplar. Criatura desamparada, trémula e fatigada – eis o homem! – bicho que se deixa escravizar pela luxúria, pelo poder, pelo dinheiro, pela vaidade. Criatura frágil e obediente que não se reconhece no meio de tanta vulnerabilidade. Ladeado pela miséria, caminha amargamente para um desfecho, cuja técnica desmedida fá-lo olvidar-se da sensibilidade que humaniza e que quebra com a aspiração egoísta e mesquinha. Trazemos ao diálogo Eugénio de Andrade ^(2, p. 96) que com a sua prosa poética vislumbra o homem com a lupa da sagacidade: “A obsessão do lucro foi transformando o homem num objeto com preço marcado. Estrangeiro a si próprio, surdo ao apelo do sangue, asfixiando a alma por todos os meios ao seu alcance, o que vem à tona é o mais abominável dos simulacros. Toda a arte moderna nos dá conta dessa catástrofe: o desencontro do homem com o homem. A sua grandeza reside nessa denúncia; a sua dignidade, em não pactuar com a mentira; a sua coragem, em arrancar máscaras e máscaras e máscaras”.

Espera-se que a presença do homem seja decisiva e que se eleve perante a miséria do mundo. Revoltando-se perante o embuste e a inveja, este homem não pode ser alvo de prisões racionais que o façam temer a realidade. Não pode continuar preso na caverna platónica, a contemplar a sombra que se agita e que o impede de ver pelos seus olhos o raio de sol que se agita no recorte do céu. Não deve deixar-se acorrentar pelo despotismo de uma ideologia bacoca, que lhe retira a capacidade de decisão e de participação numa

polis governada por homens insanos e ávidos de poder. Nas palavras de Miguel Torga ^(12, p. 62), “o homem é sobretudo vocação”. O homem é a única chama que pode manter viva a esperança. Permitindo que a mesma respire em liberdade, que se anuncie e se afaste de toda a perversão. Ser-se digno abraça em si mesmo uma utopia que se prende com a vontade de ser maior. De evitar rastejar doloridamente pela escuridão que turva os sentidos e que nos limita na forma como nos vemos e somos.

A luta que o homem trava consigo próprio é eterna. Está por toda a parte. Revela-se a cada instante. Neste tempo dividido assiste-se cada vez mais à ascensão de uma mediocridade que afeta a dignidade de quem respira. O homem tem vindo a desintegrar-se e a perder-se nas malhas de uma incultura que fere a razoabilidade e a capacidade de estar no mundo. O mundo começa a tornar-se um lugar onde nem todos temos espaço para alcançar a felicidade, visto a ferocidade e a ambição desmedida e acutilante apoderar-se das relações humanas, olvidando o respeito pelo outro e pelo seu recanto, merecedor da nossa consideração e humanidade. Daí Fernando Savater ^(11, p. 154) enlevar os valores éticos como “o reconhecimento da nossa humanidade na do outro, a semelhança essencial de condição sob a disparidade de situações a atitudes, a permanência de um respeito que não deve ser alterado nem sequer para conseguir a mais deslumbrante das experiências”. Levamos dentro de nós este ensinamento, na certeza de que é a ação lhana e plena que nos caracteriza como humanos. Concordamos assertivamente com a seguinte afirmação de Eugénio de Andrade “o homem do nosso futuro não me interessa desfigurado” ^(2, p. 249). Não nos interessa um homem sem essência e sem rumo. Um homem sem alma e sem amor. Um homem seco e invertebrado que se arrasta com pesar, roçando a futilidade e abanando as orelhas abnegadamente ao mais simples olhar de fúria e presunção. Não! Não é definitivamente este homem que queremos ver no futuro. Queremos sim ajudar a edificar um homem que viva fervorosamente ideais de fraternidade e solidariedade. Que sinta a percorrer-lhe pelas veias um jacto de respeito e dignidade, sem nunca perder o rumo, sem nunca se sentir perdido, sem nunca desistir do outro e da capacidade de amar incondicionalmente. Precisamos mais do que nunca de amor. De escutar quem de nós precisa, de parar de quando em quando e partilhar o nosso sentido de humanidade, que parece ter-se esfumado nesta tão fervorosa crise axiológica que por aí tende a pulular.

Pois é. Não há tempo. Não há tempo para contemplar o que nos faz falta. Vivemos apressadamente, sem darmos conta que o tempo passa e não pode jamais ser repostado ou sequer chamado à atenção. Os anos passam e somos levados pela corrente da imposição, vivendo frívola e egoisticamente, olvidando a verdadeira razão de existir, de ser e de estar, de sentir e de amar. Daí o suspiro poético de quem nos sente e conhece, de quem vê nas entrelinhas a nossa angústia e o nosso medo, de quem sabe o que é viver amarguradamente, por se saber finito e mortal, rodeado de miséria e podridão. Sem alento, sem um murmúrio, sem exigência ou determinação ^(1, p. 97);

Passamos pelas coisas sem as ver,
Gastos como animais envelhecidos;
Se alguém chama por nós não respondemos,
Se alguém nos pede amor não estremeçemos:
Como frutos de sombra sem sabor
Vamos caindo ao chão apodrecidos.

EUGÊNIO DE ANDRADE

Faz falta começar a contemplar o que nos rodeia. A cuidar da dignidade do humano. Atribuir-lhe valor e integridade. Apurando-lhe a sensibilidade ética e estética e levando-o a reconhecer-se na imensidão da sua fragilidade. Estamos a ser levados na corrente da banalidade e da palavra sem expressão. À deriva vamos vivendo, cegos e apáticos, vampirizados pelo embuste e pela corrupção de homens de colarinho branco que nos limitam na ação e no pensamento.

Parece ser esta a nossa condição. Calamos quando nos mandam calar, respiramos quando nos mandam respirar, somos quando nos mandam ser. Fantoches nas mãos de uma burguesia tirana que decide arrogantemente o nosso futuro, sem pedir licença, sem perceber de esforço, de labuta, de fadiga, de respeito ou de amor a um ideal, que se sente por se saber edificado no coração de quem sabe que vale a pena lutar dignamente por um outro sentido, por uma outra aventura existencial. O nosso espaço é invadido por uma demência geral que se contenta com a catástrofe e o embuste, a repressão e a ferocidade, a indecência e tudo o que é imoral. Rapidamente tudo se transformou em lucro, em mercadoria, num espaço desértico de emoções em crescendo. Vive-se a era do vale tudo, da bestialidade e da “cunha”, que deita por terra o sistema de meritocracia para dar lugar à insensatez de criaturas sem cátedra, decência e educação.

Vive-se de escândalos, de histórias de pudor e de penas que prescrevem e que deixam à solta criminosos, biltres e corruptos, que se passeiam pelo espaço público com um sorriso de escárnio e com um discurso de falsa modéstia e de inculpabilidade que contamina o ambiente e insulta a decência de quem os ouve e se sente agrilhado nesta caverna de fraude, de pedantice e de justiça encapotada. Servem estes personagens de exemplo aos nossos jovens, incitando-os através de ações sibilinas e discursos opacos a fazer da trapaça um modo de vida ^(3, p. 439):

"O velho abutre é sábio e alisa as sua penas. A podridão lhe agrada e seus discursos têm o dom de tornar as almas mais pequenas."

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, *O VELHO ABUTRE*

Lançam os dados e decidem a nossa sorte, sem cuidar da nossa dignidade, sem se preocuparem com os nossos sonhos e com o nosso sentir. Para eles, não passamos de pedras no caminho que se atiram para a berma porque causam desconforto. Somos descartáveis, somos um número, somos cobaias que sofrem experiências neste laboratório impessoal, frio e pleno de agonia.

Esta nova forma de estar-no-mundo parece que vem para ficar. Parece ganhar cada vez mais adeptos. A presença deste *homo demens* assume-se vertiginosamente. Avoca a forma de uma ética degradante e de uma imagem do outro e da vida reveladora de irresponsabilidade e decadência moral. Esta alienação alastra-se desmesuradamente, porque visa achincalhar o humanismo que ainda persiste, o mesmo que respira por uma pequena fenda e que se recusa a abanar servilmente a cabeça a esta escravidão, a este tempo sem sentido. Colocam-nos a mordaga e incitam-nos a viver no medo. Obrigam-nos a caminhar alinhados, a obedecer à vileza e a ser coniventes com a injúria, sob pena de nos rasgarem a carne e nos estilhaçarem os ossos com a dura realidade de uma sociedade tecnocrata, que procura estupidificar em vez de educar, que busca empedernir em vez de sensibilizar, que pretende magoar em vez de cuidar.

E assim agitados, vamos suportando o fardo da insegurança e do desassossego, atormentados por nos sentirmos atraídos sorrateiramente para a angústia de um sem fim de preocupações que nos algemam e nos impedem de poder vir à superfície respirar e ganhar novo fôlego. É preciso ganhar forças para combater este mal-estar, esta dita crise que se arrasta e nos arrasta na incumbência de uma nova esperança e apelo humano e patriótico. Deve o homem repensar-se sempre, olhar-se ao espelho e cavar bem fundo dentro de si de modo a agir com autenticidade e clareza. Pôr de lado a vaidade e a presunção e elevar-se no pensamento e na ação. Daí a crise de que tanto se fala. Palavra que seguramos na boca com dificuldade, porque nos queima os lábios, porque nos impede de viver plenamente, porque nos limita a visão e nos tolda o sentir ilimitado. Crise que amedronta como se de um Mostrengo se tratasse, abrindo os braços esqueléticos e horrendos e abraçando-nos na sua grandeza torpe e desumana que irrompe porque nos sente frágeis, indecisos, silenciosos.

A lupa hermenêutica de Vitorino Nemésio analisa o homem em profundidade ^(7, p.27): “não se pode falar em crise do homem sem justificar o apelo. O homem está sempre em crise. Melhor: a crise é o próprio homem”. Daí, esperarmos com nostalgia tempos que nos seduzam. Já há muito que baixámos os braços, derrotados e agrilhoados ao fantasma do medo e da submissão. Sem voz, caminhamos como sonâmbulos para o precipício da loucura, confiando numa qualquer pílula da salvação, que nada mais faz do que nos manter alienados, alimentando a nossa demência, frivolidade e sofreguidão. O nosso olhar já não avista aquele novo amanhecer que nos enche o coração de esperança e nos assevera que o novo

dia é sinónimo de uma centelha que torna a resplandecer. Revemo-nos em Hannah Arendt afirmando que o homem vive em tempos sombrios. Tempos categoricamente obscuros, dantescos e depressivos. Sem mostrar sinais de luta, de ombros descaídos e abnegados, aceita o homem a sua pequenez, deixando-se domar por um destino que lhe é imposto. Abrasado pelo chicote da prepotência, da tirania e da demagogia infame e esbanjadora, sente-se este indefeso ser vítima de uma humanidade corrupta e despida dos mais elevados valores éticos e morais.

PARA UM DESPORTO CENTRADO NO HUMANISMO

O desporto também tem vindo a sofrer ataques e a ser palco de atitudes pouco dignas e exemplares. Em nome do amor ao dinheiro, da excessiva ambição, da ferocidade competitiva e do clubismo insano e irrefletido, atletas, treinadores, dirigentes, comentadores, adeptos e os demais parecem esquecer-se do essencial: do sentido ético e estético que brota do desporto, dos valores que o sublimam, do seu apelo à transcendência e à disciplina, que forma homens e que os educa a viver íntegra e plenamente. O desporto que deveria ser preservado como um campo de honestidade, de respeito e de deleite, está a ser banalizado e agredido pela entediante mediocridade alheia que se dedica a dar-lhe um outro significado, retirando-lhe beleza e seriedade.

Pena que o desporto esteja a ser utilizado para outros fins que não aqueles que expressam os seus verdadeiros valores e a sua real pretensão. Pena que as ilegalidades, as imposturas e a manipulação estejam a apoderar-se do desporto. Que o depreciem e tentem dar-lhe outro significado, reduzindo-o a um estatuto de politiquice brejeira, de posturas toscas e de comentários a roçar a mediocridade, que tentam camuflar a ética do treino, do esforço e da perseverança que o desporto simboliza. Urge despertar desta sonolência e cegueira que se abatem sobre o desporto, começando por senti-lo e vivê-lo com assaz intensidade. Voltar o nosso olhar para o ideal grego de *theoria* (contemplação), *aretê* (virtude) e *kalokagathia* (belo e bom), com o sentido de um forte apelo ao combate da irracionalidade e do esbatimento humano. Derramar a nossa sensibilidade para o ideal grego da nobreza e do sublime, pois como sublinha Aristóteles ^(5, p. 86): “é próprio da excelência sentir prazer e sofrimento quando deve ser e como deve ser”.

Deveria ser próprio do homem fazer do seu caminho um sem fim de orientações votadas para a expressão de humanidade e lealdade para com a essência desportiva que se assume impregnada de boas práticas morais, físicas e espirituais. Ser e estar no desporto pressupõe um conhecimento profundo e inegável da pulcritude, da claridade e da fecun-

didade que o tomam e o verticalizam sem pudor ou submissão ao politicamente correto, à fraude e ao irracionalismo de almas penadas que se apoiam na necessidade de tudo reduzir a prémios monetários, a publicidade, a espetáculo grosseiro e mesquinho, onde o mote que serve de apanágio é a política do vale tudo e do desrespeito pelas regras. Já Píndaro nos advertia na sua Iª Ode Olímpica ^(9, p. 151): “um grande risco não arrasta um homem covarde”. É esta covardia que retira ao desporto todo o seu carácter arrebatador e de pretensão quimérica, que irrita os deuses, fazendo-os derramar a cólera divina, que fustiga a ilustre coroa de louros, fazendo cair por terra a imortalidade do gesto poético que suspira pela autenticidade ontológica do ser que se supera sem perder o rumo.

Os reais e verdadeiros ideais do desporto vivem a quimera quixotesca, não se deixando pisar e maltratar por maneirismos e deslumbramentos que lhe arrancam a pele alva e imaculada. Teixeira de Pascoaes elucida-nos ^(8, p. 70): “ser sincero é ser original, é ser, enfim. A sinceridade tem um valor ontológico ou essencial, porque é a própria vida como ela é, como ela brota de dentro, da fonte, com reflexos de estrelas e folhagens”. Ser autêntico no desporto é ser um exemplo de determinação e de bravura. É ser igual a si mesmo, carrasco dos seus próprios erros e fraquezas, amigo da própria sensatez e veracidade. É sermos fiéis aos nossos princípios, respeitando as normas da convivência e da competição, respeitando quem conosco partilha o mesmo sonho e a mesma linha de partida. No fundo, é viver como nos incita Miguel Torga ^(13, p. 28): “ser idêntico em todos os momentos e situações. Recusar-me a ver o mundo pelos olhos dos outros e nunca pactuar com o lugar comum”.

Por tanto, saímos em defesa do desporto: de todo o desporto que é praticado com respeito pelos valores essenciais do humano, os mesmos que lhe atribuem valor e que não admitem rasteiras nem atalhos. Como nos sugere Padre Manuel Antunes ^(4, p. 306): “o «único necessário» ou, se se quiser, tendo também em conta a «basesinha» animal, o mais «necessário», é viver humanamente, é existir sabendo, realmente sabendo, que se existe e para que se existe”. E para tal tentamos apostar na lucidez de pensamento, condenada ao isolamento e ao esquecimento, porque nos recusamos a juntar à leviandade e à atrocidade tecnológica a que nos estão a sujeitar. Somos seres do desporto. Da transparência. Da rebeldia. Da indagação. Nunca iremos aceitar os golpes de inautenticidade, de mentira, de podridão no seu seio. Combateremos sempre este estado de coisas, porque não foi assim que nos educaram e nos ensinaram a viver dentro do desporto. Recusamos, através da poesia, este estado de coisas que nos abala por dentro e nos insulta por fora. Queremos um desporto autêntico e livre de maleitas, corrupções e atitudes capciosas que traem a sua disponibilidade e a sua confiança ^(14, p. 118):

Convosco, não, traidores!
Que poeta decente poderia
Acompanhar-vos um segundo apenas?
À quente romaria do futuro
Não vão homens obesos e cansados.
Vão rapazes alegres,
Moças bonitas,
Trovadores,
E também os eternos desgraçados,
Revoltados
E sonhadores.

MIGUEL TORGA, *RECUSA*

E uma vez mais, Píndaro ^(9, p. 164) alerta-nos para “os caminhos que levam à prosperidade”. Caminhos que se afastam da indelicada propensão para a arte de driblar e manipular os valores, a substância e o logos que o desporto carrega aos ombros pesarosa e orgulhosamente, por se saber sempre detentor de integridade e transparência. A nossa ilusão debate-se corajosamente no sentido de um forte apelo ao combate da irracionalidade e do esbatimento humano. Como afirmava Saint-Exupéry os dois grandes inimigos da alma são o dinheiro e a vaidade, que subtraem ao mundo o humanismo, a excelência e a probidade.

Por tanto, o caminho do desporto deve continuar a acreditar na utopia da concretização do humano. Levando o homem a (re)encontrar-se com a autenticidade perdida, mas que sempre esteve ligada aos valores éticos e espirituais que se abeiram do céu e com os quais nos devemos reconhecer para deixarmos de ser protagonistas desta degradação moral. É a perenidade dos valores ligados ao humanismo, à cultura e à educação que contribuem para a formação e construção de uma humanidade melhor. E aqui colocamos o desporto como um valor. Um valor que carrega em si uma força ética que une, respeita e disciplina. Que eleva o esforço e a dedicação e que bane a mentira e a ofensa. Educar o homem neste sentido é formá-lo para o feito da transcendência, do sonho, da claridade. Entendemos, tal como Miguel Torga, que o homem deve deixar de viver entre parêntesis, que se exceda e que viva fervorosa e contumazmente.

DESFECHO

A pessoa humana é o centro do nosso desassossego. Sofremos com a sua ansiedade, com a sua indolência, subserviência e mediocridade. Por isso estas laudas nada mais são do que uma advertência ao estado das coisas, do desporto e da vida. Decididamente pugnamos por uma outra conceção de homem. Por isso meditamos e escrevemos. Por isso deixamos o conforto do servilismo e arriscamos contemplar e pensar e dar a conhecer a nossa profunda tristeza e desilusão. A palavra revela. O coração também. Recusamos a mentira, os esquemas falaciosos, o desrespeito pelo esforço, pela disciplina e pelo mérito. O desporto coloca-nos num patamar de probidade. Agir de outro modo é o mesmo que passar pelo desporto ligeiramente, sem a densidade que o mesmo merece. Há que combater este cenário anémico e viral. Há que acordar e renovar o modo como nos olhamos. Seremos humildes e devotos uns para com os outros.

Parece ser hora de chamar até nós a humildade de sermos e estarmos no seio do desporto sem artimanhas e frivolidades. De não nos movermos como um réptil sorrateiro e epidémico que busca atacar na sombra, procurando deitar por terra os mais incautos e inocentes, que continuam a ver no desporto a valoração de uma ética da responsabilidade, da vontade e do cuidado moral e humano. Queremos, sem sombra de dúvida, evitar encarnar o homem-espuma de que nos fala Padre Manuel Antunes na sua *Paideia*. Aquele homem, cuja pobreza de espírito é levada pela maré, flutuando na desgraça e sumindo sem deixar rasto. O mesmo homem que não cria raízes e que por aí vai levitando, sem rumo, densidade ou expressão. Não nos esqueçamos que somos feitos de razão, palavra, memória e coração, ingredientes fundamentais para nos demarcarmos do tal ‘sonâmbulo que dança no abismo’ esculpido por Nietzsche na sua mais pura intenção.

Por isso nada melhor que educar desde os valores do desporto. Abrindo o nosso coração ao outro e ensinando-o que, lado a lado, é possível transformar cada passo num voo em eterna ascensão. Partilhar o mundo, a vida e a emoção sem pensar no que podemos lucrar. Simplesmente contar com o nosso esforço, o nosso sentido de responsabilidade e disciplina que nos conduzirá naturalmente às estrelas se despirmos as vestes da ambição desmedida e do desrespeito pelo outro, que tal como nós, também trabalha para vencer neste mundo tão vário e outonal. Manuel Ferreira Patrício incita-nos a caminhar de cabeça erguida, sem medo de olhar o futuro, com esperança e autenticidade ^(10, p. 75): “que o homem se erga, se levante do chão raso, saia dos subterrâneos da existência e ascenda a si próprio, em valor. Que recuse o nada e reivindique o ser. O ser é a morada da sua identidade, da sua dignidade, da autonomia e da liberdade, da solidariedade e da justiça, do amor”. O desporto permite este entendimento porque educa integralmente o homem. Educa-o corporal, mental e espiritualmente. Educa-o a ser pessoa humana e a combater o rosto desfigurado e o gesto desfeito pelo ardor da bestialidade. O desporto ajusta-nos o carácter por não permitir a construção de um futuro baseado na mentira e na injustiça.

É urgente redescobrir a sensatez que o desporto provoca. Essa nobreza que nos instiga a andar sempre de cabeça erguida, apesar de tudo. A tomar decisões sábia e ponderadamente, sem arrependimentos e frustrações. A tornar ingente a nossa vontade de existir plena e harmoniosamente, confiando na esperança de um homem novo que se quer contumaz na construção de um amanhã onde seja possível viver com dignidade. Já dizia Nietzsche que “são raros os homens que se apoderam do futuro com mãos criadoras”. É hora de reformar o pensamento e deixar de lado a acédia que nos trava a ação. De deixar de viver neste tempo dividido, que nos anula e agride, amputando a réstia de paixão que parece ainda persistir. ‘Pois convém tornar claro o coração do homem’, tal como nos adverte Sophia de Mello Breyner ^(3, p. 399) no poema Ressurgiremos, da luz que irradia de um *ethos* sempre empenhado e autêntico.

REFERÊNCIAS

1. Andrade, E. (1998). As mãos e os frutos. Porto: Campo das Letras
2. Andrade, E. (2011). Prosa. Vila Nova de Gaia: Modo de Ler.
3. Andresen, S. M. B. (2011). Obra Poética. Alfragide: Editorial Caminho.
4. Antunes, Padre Manuel (2005). Paideia: Educação e sociedade. Tomo II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
5. Aristóteles (2006). Ética a Nicómaco. Lisboa: Quetzal Editores.
6. Freire, P. (1992). Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra
7. Nemésio, V. (2003). Era do átomo – crise do homem. Obras Completas. Volume XXII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
8. Pascoaes, T. (1993). O homem universal e outros escritos. Lisboa: Assírio & Alvim.
9. Pereira, M. H. R. (1990). Hélade. Antologia da Cultura Grega. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos.
10. Patrício, M. F; Sebastião, L. (2004). Conhecimento do mundo social e da vida. Passos para uma pedagogia da sageza. Lisboa: Universidade Aberta.
11. Savater, F. (2000). O meu dicionário filosófico. Lisboa: Publicações Dom Quixote
12. Torga, M. (1977). Diário II. Coimbra [s.n].
13. Torga, M. (1993). Diário XVI. Coimbra [s.n].
14. Torga, M. (1999). Antologia Poética. Lisboa: Edições Dom Quixote.